

Mulheres Olímpicas: trajetórias, descobertas e vivências possíveis na EJA

Jacqueline Cristina Jesus Martins

CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

Durante o ano letivo de 2024, nas aulas de Educação Física do CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano, realizamos um trabalho valorizando a trajetória de atletas brasileiras que fizeram história no esporte em diversas modalidades. O trabalho foi realizado com as turmas de alfabetização (etapas iniciais e básica) dos períodos da manhã e da tarde, cerca de 40 estudantes com idades a partir de 16 anos até 85 anos.

A ideia de trabalhar com biografias das esportistas brasileiras surgiu a partir da observação do trabalho realizado pelas professoras da alfabetização, que estavam explorando textos biográficos de mulheres inspiradoras. A partir dessa observação, propus ampliar o olhar trazendo a vida de atletas mulheres, suas histórias de superação, suas conquistas e os desafios enfrentados em um campo historicamente marcado pela exclusão de mulheres.

O ano de 2024 foi significativo para essa tematização, pois marcou a realização dos Jogos Olímpicos com a maior participação feminina da história, sendo a primeira edição com metade das atletas mulheres. Além disso, pela primeira vez, a delegação brasileira contou com maioria feminina, um marco importante e simbólico, que merecia ser valorizado em sala de aula.

Outro aspecto que impulsionou a escolha foi o mapeamento realizado, no qual identificamos que a maioria dos nossos estudantes desconheciam as atletas mulheres brasileiras. Considerando que a maioria do público da escola é são mulheres, muitas delas idosas, aposentadas e que pouco acessaram os esportes ao longo da vida, percebi uma oportunidade de trazer essas narrativas e promover o contato com diferentes modalidades, respeitando suas realidades, histórias e condições.

As vivências corporais foram planejadas de forma acessível e adaptada à realidade da nossa unidade escolar, que não possui quadra esportiva, realizando as aulas na rua em frente à escola. Também levei em conta o perfil do grupo, formado majoritariamente por pessoas idosas, pessoas com deficiência e pessoas com mobilidade reduzida. Organizamos um percurso pedagógico que

articulou o conhecimento das modalidades esportivas com as possibilidades reais dos corpos presentes em nossas aulas.

Objetivos do trabalho:

- Desenvolver habilidades motoras básicas e específicas (como arremessar, equilibrar-se, correr, lançar, chutar) por meio de vivências corporais adaptadas às condições da escola e dos estudantes;
- Identificar e respeitar as diferenças de gênero, idade e condição física nos contextos esportivos, valorizando o esporte como espaço de inclusão;
- Reconhecer o papel das mulheres na história do esporte e refletir sobre as desigualdades ainda presentes nos contextos esportivos contemporâneos;
- Ampliar o repertório cultural dos estudantes ao explorar diferentes modalidades esportivas, aproximando o conteúdo da realidade e dos interesses da turma;
- Proporcionar vivências corporais acessíveis e adaptadas, respeitando os limites, ritmos e potencialidades dos estudantes da EJA;
- Participar de experiências significativas com diferentes práticas corporais, fortalecendo a autoestima, o senso de pertencimento e o protagonismo.

Para iniciar o trabalho, propus aos estudantes que dissessem nomes de atletas homens que conheçam. Rapidamente, vários nomes foram mencionados. Em seguida, pedi que citassem nomes de atletas mulheres. Nesse momento, apenas dois ou três nomes foram lembrados, e logo se instaurou um silêncio na sala. Então, lancei a pergunta: "Por que será que conhecemos tantos atletas homens e quase nenhuma atleta mulher?".

As respostas surgiam como tentativas de justificar esse desconhecimento: "Ah, é que eu não assisto televisão", ou "Eu não gosto muito de esportes". Diante disso, retomei o fato de que, apesar dessas justificativas, eles conheciam muitos atletas homens, o que nos levou a refletir sobre a visibilidade desigual dada a homens e mulheres no esporte. Conduzi a discussão destacando como o esporte masculino sempre teve mais espaço nas mídias, especialmente na televisão, em comerciais e transmissões esportivas, enquanto o esporte feminino historicamente enfrentou invisibilidade e desvalorização.

Aproveitei esse momento para apresentar a trajetória das mulheres nos Jogos Olímpicos, desde o período em que sua participação era proibida até os avanços recentes, como a conquista da paridade de gênero na edição de 2024.

Apesar de não ser brasileira nem ter participado dos Jogos Olímpicos, iniciei o trabalho apresentando a atleta Kathrine Switzer, a primeira mulher a correr oficialmente uma maratona. Escolhi começar com essa atleta por dois motivos principais: primeiro, pela facilidade em organizar a vivência prática da aula, já que a proposta seria uma corrida ou caminhada adaptada às condições físicas e de mobilidade dos estudantes e, segundo, por permitir iniciar a discussão abordando as proibições impostas às mulheres no esporte.

Kathrine Virginia Switzer é uma atleta alemã que entrou para a história ao se tornar a primeira mulher a participar da Maratona de Boston, em 1967, em uma época em que apenas homens podiam competir em provas de rua nos Estados Unidos. Para conseguir se inscrever, ela utilizou apenas as iniciais do seu nome, K.V. Switzer, o que lhe permitiu driblar a triagem do evento. Durante a prova, os organizadores tentaram retirá-la à força, mas ela resistiu e conseguiu completar todo o percurso da maratona (42 km e 195 metros), desafiando a crença de que os corpos femininos eram incapazes de realizar esse tipo de esforço físico.

A história dessa atleta provocou discussões importantes entre os estudantes sobre as diversas proibições que marcaram (e ainda marcam) a vida das mulheres, não apenas no esporte, mas também em outros campos da sociedade como o direito ao voto, a direção de veículos, a realização de procedimentos médicos sem autorização do cônjuge, entre outros. Esses debates despertaram nas estudantes o desejo de compartilhar suas próprias histórias, revelando que em diferentes momentos da vida, muitas delas foram impedidas de estudar ou tiveram sua trajetória interrompida por barreiras impostas socialmente ou dentro da própria família.

Após a vivência da corrida e caminhada a partir da história de Kathrine Switzer selecionei as histórias e a trajetória de três atletas do basquete brasileiro: Hortência Marcari, *Magic* Paula e Janeth Arcain. É importante ressaltar que durante todo o trabalho a parceria com as professoras alfabetizadoras foi fundamental. Todos os textos e atividades que elaborei era apresentado para as

professoras para que, mesmo não sendo o objetivo do componente curricular, o trabalho contribuísse no processo de alfabetização desses estudantes.

Enquanto conhecíamos a história de diferentes atletas brasileiras, também desenvolvemos um estudo sobre o basquete. Muitos dos nossos estudantes, especialmente as mulheres, nunca haviam tido contato com esse esporte. Em diversos casos, sequer tinham pegado em uma bola da modalidade.

Para introduzir essa modalidade, trabalhamos inicialmente com manuseio da bola. Realizamos exercícios de arremesso, dribles e controle de bola, sempre respeitando os limites de cada estudante. Atenta às questões corporais dos participantes e considerando que dispomos de apenas uma tabela de basquete, as ações didáticas foram planejadas para evitar atividades que envolvessem deslocamentos intensos, interceptações de passes ou corridas. Em seu lugar, optamos por jogos como o “21”, “reloginho” e “mata-mata”, sempre com as adaptações necessárias para garantir a participação de todos. Também foi um recurso de adaptação o uso de diferentes tamanhos de bola de basquete e em alguns casos o uso de bolas de espuma (utilizadas apenas para os arremessos).

Em uma das aulas, promovemos um torneio de lance livre, valorizando a competição como uma experiência saudável e motivadora. O torneio foi marcado por empolgação, torcida e incentivo mútuo. Ao observar a diversidade dos vencedores: tivemos idosos, jovens, mulheres e pessoas com deficiência se destacando em diferentes turmas, percebi que os encaminhamentos didáticos estavam atendendo a diversidade presente nas aulas.

Durante as aulas, ouvi de algumas mulheres frases como: “Ah, eu já estou muito velha para isso” ou “Esses movimentos não são mais para o meu corpo”. Essas falas me deixaram preocupada e me provocaram a pensar em maneiras de ampliar as representações possíveis sobre o basquete e, principalmente, sobre os corpos idosos no esporte. Como resposta, levei para a aula seguinte um vídeo sobre um time de basquete feminino formado por mulheres com mais de 60 anos¹.

Assistir a esse vídeo foi importante para nossas estudantes. Ver mulheres parecidas com elas, em idade e contexto, praticando um esporte que antes parecia inalcançável, despertou novas leituras sobre seus próprios corpos. Elas

¹ Vídeo Idosas no basquete. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=BOiAful_Z6g

se viram representadas, e isso as encorajou a experimentar a prática com mais liberdade e menos medo de errar.

Paralelamente às vivências práticas, seguimos conhecendo a trajetória das atletas brasileiras. Hortência Marcari nos permitiu discutir a maternidade no esporte, pois ela retornou ao esporte de alto rendimento e disputou uma Olimpíada apenas seis meses após dar à luz. Esse caso nos levou a refletir sobre os desafios enfrentados pelas atletas-mães e a necessidade de leis que garantam a licença maternidade a essas atletas, já que em muitas modalidades o afastamento durante a gestação é inevitável, impactando diretamente suas carreiras.

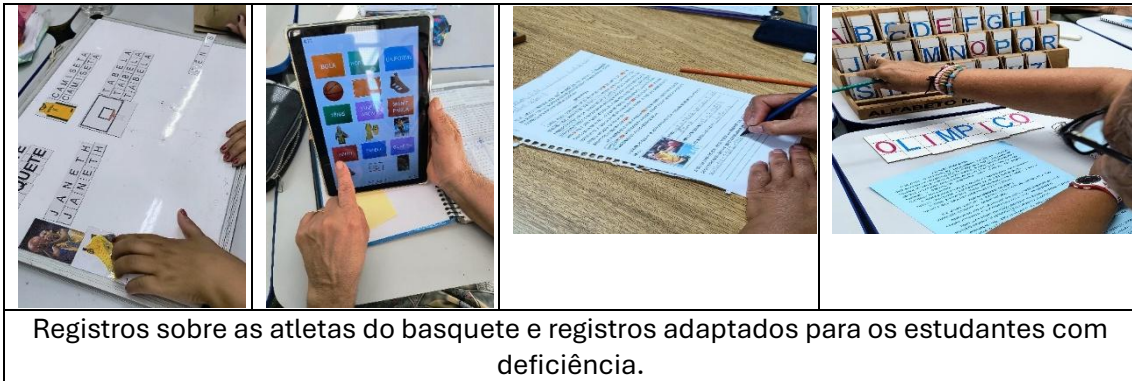
Ao estudar “*Magic Paula*”, falamos sobre o talento dessa jogadora, que recebeu o apelido em alusão ao jogador norte-americano *Magic Johnson*. Exploramos como o reconhecimento de seu desempenho dentro e fora do país contribuiu para a valorização do basquete feminino no Brasil.

Por fim, ao conhecermos a história de Janeth Arcain, destacamos sua trajetória vitoriosa e sua atuação na WNBA, a liga profissional de basquete feminino dos Estados Unidos, como símbolo de resistência, competência e representatividade.

Por fim, ao conhecermos a história de Janeth Arcain, destacamos sua trajetória vitoriosa, com 22 anos dedicados à seleção brasileira de basquete. Também conhecemos a sua atuação na WNBA, a liga profissional de basquete feminino dos Estados Unidos, reforçando a sua importância para o esporte nacional e internacional.

Como forma de aprofundar os conhecimentos sobre o basquete e valorizar a memória esportiva do país, assistimos a trechos de uma entrevista que celebra os 30 anos da conquista do Campeonato Mundial de Basquete Feminino de 1994, um feito histórico protagonizado por essas atletas brasileiras. Na entrevista, essas três atletas estavam presentes rememorando essa conquista e apresentando trechos dos jogos.

Durante esse processo, os estudantes realizaram diferentes registros, respeitando o estágio de alfabetização de cada um. Utilizamos diferentes linguagens e recursos, como registros escritos com apoio de palavras, uso de tablets para realização de jogos criados sobre os temas estudados, e diferentes materiais para apoiar os estudantes com deficiência.



Em uma oportunidade, conseguimos realizar uma aula em uma quadra emprestada por uma escola estadual da região. Esse momento foi muito interessante, especialmente para as estudantes idosas, que nunca haviam jogado em um espaço como aquele. Mesmo com limitações físicas e restrições de mobilidade, a empolgação era visível nos sorrisos, nas tentativas de arremesso e no envolvimento coletivo.



Finalizando os estudos sobre o basquete, passamos a estudar as atletas do vôlei de praia Jacqueline Silva e Sandra Pires, primeiras mulheres brasileiras

a conquistarem uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, feito alcançado nos Jogos de Atlanta, em 1996 em uma final histórica entre duas duplas brasileiras.

Reconhecendo as limitações corporais e de espaço escolar, adaptamos as atividades práticas para garantir a participação de todos, utilizando a modalidade conhecida como vôlei adaptado para a terceira idade. Durante as aulas, realizamos vivências que permitiram aos estudantes experimentarem os fundamentos do jogo de forma acessível, como os passes, lançamentos e recepção da bola sem saltos ou deslocamentos bruscos, respeitando as condições físicas do grupo. Em alguns momentos, foram necessários o uso de bolas de materiais mais leves e macios, para ajudar os estudantes que apresentavam mais dificuldades.

Ao conhecer as trajetórias de Jacqueline Silva e Sandra Pires, destacamos o papel pioneiro que ambas desempenharam no esporte brasileiro. Jackie Silva, conhecida pela sua luta contra a desigualdade de gênero, iniciou sua carreira no vôlei de quadra e, representou o país com a seleção de vôlei de quadra em duas edições dos Jogos Olímpicos, antes de migrar para o vôlei de praia. Sandra Pires, também iniciou no vôlei de quadra migrando para o vôlei de praia pouco depois. Além da conquista do ouro olímpico, Sandra também marcou a história ao se tornar, em Sydney 2000, a primeira mulher a carregar a bandeira do Brasil na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, além de conquistar ali a medalha de bronze.

Para ampliar e aprofundar os conhecimentos dos estudantes sobre o vôlei feminino, realizamos uma visita à exposição "Amarelo Ouro", que estava no Sesc Santo Amaro. A mostra apresentava a trajetória do voleibol feminino brasileiro, com ênfase nas conquistas da seleção a partir da década de 1990.

O nome da exposição "Amarelo-Ouro" fazia uma referência a frase "*A cor da nossa medalha é amarelo ouro!*" dita pelo técnico José Roberto Guimarães após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, como uma resposta direta às críticas que rotulavam a seleção brasileira feminina de vôlei como "amarelonas" (expressão usada para times que falham em momentos decisivos). A exposição apresentava e valorizava a luta das atletas brasileiras dentro e fora das quadras.

Essa visita provocou reflexões sobre a sexualização dos corpos das atletas, especialmente no vôlei de praia. Os debates giraram em torno das

vestimentas utilizadas pelas jogadoras e da forma como as transmissões televisivas muitas vezes expõem os corpos das mulheres de maneira desrespeitosa.

A discussão ganhou ainda mais força ao trazermos informações sobre os protocolos de filmagem nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, nos quais os(as) cinegrafistas estão sendo orientados(as) a evitar closes e enquadramentos invasivos e sexualizados dos corpos das atletas, uma prática infelizmente recorrente em transmissões televisivas.

Abordamos também a recente ampliação das possibilidades de uniformes no vôlei de praia, rompendo com a obrigatoriedade do uso de biquínis, o que representa uma conquista importante. Durante essas discussões relembramos o caso de um time feminino de *beach handebol*, que foi punido por utilizar shorts em vez dos tradicionais biquínis², evidenciando o quanto o corpo da mulher atleta ainda é regulado e vigiado em contextos esportivos.

Entendendo a importância de variar as ações didáticas para contemplar diferentes formas de aprender, realizamos uma atividade para facilitar a compreensão do sistema de rodízio do vôlei. Para isso, construímos maquetes da quadra de vôlei, o que envolveu outras linguagens, como o desenho, a colagem e o trabalho manual. Essa atividade favoreceu muito a compreensão do funcionamento do rodízio utilizando outras estratégias.



Um dos momentos mais marcantes para os estudantes foi a visita ao time de vôlei de idosos do SESC Pinheiros, onde tiveram a oportunidade de jogar algumas partidas amistosas. Após essa vivência, recebemos um convite para participar de um torneio de vôlei adaptado com a presença de outras equipes de

² Matéria disponível em

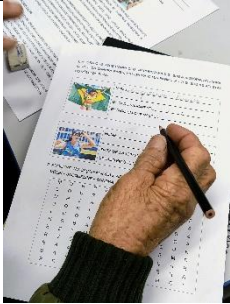
https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/noticia/2021/11/federacao-derruba-uso-obrigatorio-de-biquini-por-jogadoras-de-handebol-de-praia.html?utm_

idosos. A notícia foi recebida com grande entusiasmo e reforçou o sentimento de pertencimento ao universo esportivo. Conseguimos participar do evento e muitos estudantes ficaram encantados com a oportunidade, já que, para a maioria, essa foi a primeira experiência em um campeonato. A conquista de uma medalha representou um motivo de orgulho e valorização pessoal. A empolgação foi tanta que o grupo continuou comentando sobre essa vivência por vários dias.

	
Torneio de Vôlei Adaptado	Visita a exposição “Amarelo ouro”

Com a conquista da medalha de ouro por Ana Patrícia e Duda Lisboa, elas passaram a integrar nossos estudos como exemplos de mulheres inspiradoras para o esporte brasileiro. Essa vitória foi ainda mais significativa pelo fato de apenas mulheres terem conquistado medalhas de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris.

Além das leituras e dos registros escritos sobre as atletas e os esportes estudados, durante todo o trabalho produzi materiais adaptados para garantir que os estudantes com deficiência também pudessem compreender as modalidades e a histórias para além da realização prática.

			
Registros sobre as biografias das atletas do vôlei e registros adaptados para os estudantes com deficiência.			



Experimentando o vôlei adaptado aos idosos.

Para trazer as atletas com deficiência para os nossos estudos, estudamos a bocha paralímpica por meio da história de Evelyn Vieira de Oliveira. Evelyn possui uma doença congênita chamada atrofia muscular espinhal, condição que limita os movimentos nos membros inferiores e superiores, por isso ela compete na classe BC3, modalidade que exige o uso de calha (rampa assistida) para lançar as bolas. Evelyn foi medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Durante as experimentações da bocha paralímpica, assistimos a vídeos apresentando a modalidade, conhecemos as regras e experimentamos a modalidade com e sem o uso da calha. As vivências foram organizadas com adaptações aos espaços disponíveis na escola e foram experiências significativas, que promoveram o respeito às diferenças e valorizaram o esporte paralímpico. Por ser uma modalidade altamente inclusiva, os estudantes demonstraram grande interesse pelas atividades.



Experimentando o jogo da bocha paralímpica com e sem a calha e registrando o que estudamos.

Durante uma das competições que realizamos nas aulas, um dos vencedores foi um estudante com baixa visão e, em outra turma, a campeã foi uma estudante com deficiência intelectual. Essas vitórias os colocaram em

destaque diante da turma, algo que raramente acontece no cotidiano escolar e isso teve um impacto positivo em sua autoestima e no reconhecimento pelos colegas.

Ao tematizarmos os esportes praticados por pessoas com deficiência, discutimos que, em muitos casos, a deficiência pode surgir após acidentes ou doenças. Para ilustrar essa situação apresentei uma reportagem sobre uma paratleta brasileira que se tornou uma pessoa com deficiência após sofrer violência doméstica³. Durante as discussões os estudantes relataram a história da própria Maria da Penha Maia Fernandes, que sofreu duas tentativas de feminicídio por parte do marido, em 1983. Em uma delas, ele atirou nela enquanto ela dormia, deixando-a paraplégica. Apesar da gravidade dos crimes, o agressor permaneceu em liberdade por muitos anos, devido à lentidão e omissão do sistema judiciário brasileiro. Maria da Penha levou seu caso à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA e em 2001, o Brasil foi condenado por negligência e omissão em relação à violência contra as mulheres. Como resposta sancionou, em 7 de agosto de 2006, a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que estabelece mecanismos para prevenir e punir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Ainda que importante, essa lei apresenta fragilidades em sua aplicação prática e os números da violência doméstica no Brasil são alarmantes.

Trazer essa discussão é fundamental, pois aproxima o conteúdo da realidade social dos estudantes e favorece reflexões sobre direitos, cidadania e proteção à vida. Além disso, possibilita que os estudantes reconheçam situações de violência, saibam onde buscar ajuda e compreendam o papel da educação no enfrentamento às desigualdades e na construção de uma sociedade mais justa.

No futebol, estudamos as biografias das atletas Marta Vieira da Silva e Miraildes Maciel Mota, conhecida como Formiga. Marta, reconhecida mundialmente, é considerada uma das maiores jogadoras da história do futebol. Eleita seis vezes a melhor do mundo pela FIFA, ela também é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira, tanto entre mulheres quanto homens, e uma

³ Matéria disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/16/sobrevivente-de-feminicidio-ela-levou-tiro-do-ex-e-virou-paratleta-campea.htm>

das principais vozes em defesa da valorização do futebol feminino. Já Formiga é a única jogadora a ter participado de sete Copas do Mundo e sete Olimpíadas, símbolo de resistência, longevidade e compromisso com o esporte.

Durante os estudos, também discutimos o contexto histórico do futebol feminino no Brasil, que por cerca de 40 anos esteve proibido por lei sob a alegação de que era uma prática “incompatível com a natureza feminina”. Mesmo após a revogação da proibição, o preconceito persistiu por décadas, refletido na falta de incentivo, investimento, visibilidade na mídia e apoio institucional.

Marta e Formiga, entre tantas outras, enfrentaram diversos obstáculos ao longo de suas trajetórias, desde a falta de estrutura para treinar, passando pela desvalorização dos campeonatos femininos, até o constante questionamento sobre suas presenças no esporte. Ainda assim, elas persistiram e abriram caminhos para novas gerações de meninas e mulheres que querem jogar futebol.

Para as práticas, exploramos o *walking football* (futebol andando), uma versão adaptada do esporte voltada para pessoas idosas. Para introduzir a prática, assistimos ao vídeo “*Walking football: modalidade integra idosos com a bola nos pés*” que apresentava a modalidade e mostrava depoimentos de participantes⁴. Em seguida, realizamos experimentações com chutes, passes e condução da bola, respeitando as regras específicas dessa adaptação.



⁴ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/13046902/?s=0s>

Na aulas seguinte exploramos a realização de chutes ao gol (improvisados com cones, visto que as aulas aconteciam na rua), realizamos brincadeiras em que os estudantes deveriam acertar alvos chutando a bola. Por fim, realizamos alguns jogos do futebol andando, o que na minha opinião foi um dos momentos mais bonitos desse trabalho e me marcaram profundamente. Ver mulheres idosas e pessoas com deficiência, incluindo um estudante que utiliza prótese em uma das pernas e que participou utilizando muletas, jogando e se divertindo foi emocionante. Ele relembrou dos momentos em que jogar futebol fazia parte da sua vida. Essa experiência reforçou a certeza de que estávamos no caminho certo: reconhecendo que a escola deva ser um espaço de ampliação de horizontes, onde todos possam acessar novos conhecimentos, viver novas experiências.

Durante uma atividade em que era necessário que os estudantes listassem nomes de jogadores e jogadoras que conheci, a comparação evidenciou como os homens ainda ocupam a maior parte da memória popular do esporte, destacando a necessidade de promover maior visibilidade e valorização das mulheres no futebol.



Devido às nossas limitações de espaço, algumas modalidades não puderam ser vivenciadas plenamente. Ainda assim, considerei fundamental apresentar a história de algumas atletas por sua representatividade e pela importância que tiveram para que outras mulheres pudessem avançar em seus respectivos esportes.

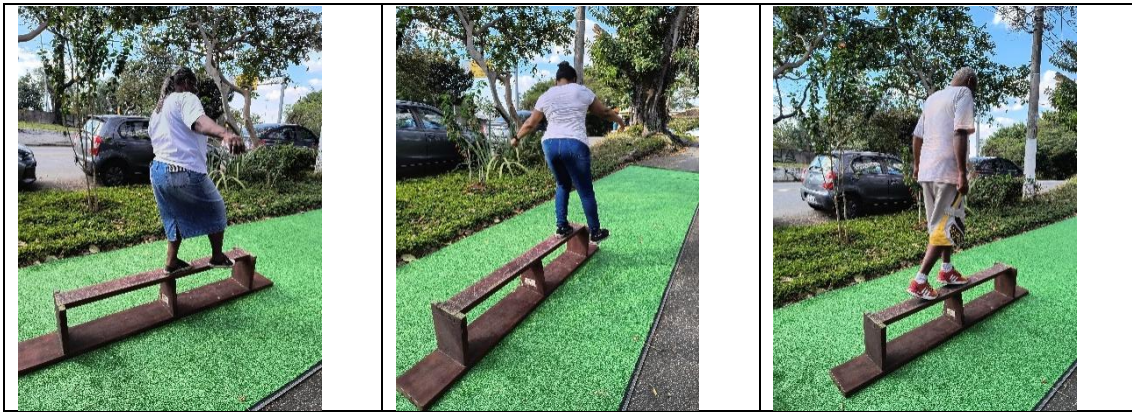
Discutimos os desafios enfrentados pelas mulheres negras no esporte. Entre os exemplos estudados, destacamos a trajetória de Aída dos Santos, atleta

do salto em altura, mulher negra que enfrentou o alcoolismo e a violência do pai, além da pobreza, do racismo e do machismo. Aída foi a única mulher da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, e chegou à final do salto em altura, conquistando o quarto lugar. Aída viajou para a competição sem técnico, sem patrocínio e até sem uniforme. Para conhecer um pouco mais da sua história, assistimos a um pequeno vídeo “O uniforme que nunca existiu⁵”, onde uma loja de produtos esportivos produziu um uniforme para homenageá-la. Apesar de ser um vídeo comercial, é breve, apresenta a atleta, suas dificuldades e a homenageia. O que fez muitas lágrimas rolares durante a assistência do vídeo.

Na ginástica artística, estudamos a trajetória de Daiane dos Santos, a primeira atleta negra a conquistar uma medalha de ouro nessa modalidade. Apesar de ter participado de três Jogos Olímpicos, essa conquista ocorreu no Campeonato Mundial de Ginástica Artística em 2003. Também conhecemos um pouco da biografia de Rebeca Andrade, outra atleta de destaque, que durante o desenvolvimento do nosso trabalho se tornou a maior medalhista olímpica da história do Brasil entre todas as modalidades, totalizando seis medalhas.

Durante o estudo dessas atletas e da ginástica artística, assistimos a vídeos como a apresentação de Daiane dos Santos na final do Mundial, com a coreografia ao som de “Brasileirinho”. Conhecemos também o movimento “Dos Santos”, um duplo *twist* carpado que leva seu nome. Como os Jogos Olímpicos estavam acontecendo durante o período das nossas aulas, assistimos juntos à final da trave nos Jogos de Paris, o que ajudou os estudantes a fazerem uma leitura mais crítica e atenta dessa prática. Foi emocionante ver alguns estudantes se sensibilizarem com as apresentações das atletas brasileiras e aplicarem seus conhecimentos durante a observação. Para vivenciar a modalidade, fizemos uma breve experiência de equilíbrio em uma trave improvisada.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fOaFQRVNWuQ&t=10s>



Experimentando o equilíbrio na trave.

No judô, estudamos as trajetórias de Edinanci Silva e Beatriz Souza. A biografia de Edinanci nos proporcionou uma discussão extremamente relevante sobre a presença de pessoas intersexo no esporte. Essa temática ganhou destaque nas mídias durante os Jogos Olímpicos de Paris, o que tornou ainda mais pertinente trazê-la para a sala de aula. Muitos estudantes demonstraram desconhecimento sobre o que significa ser intersexo e frequentemente confundiam o termo com a identidade de pessoas trans. O estudo possibilitou ampliar a compreensão sobre a diversidade corporal e os desafios enfrentados por atletas que não se enquadram nas normativas de gênero tradicionais.

A judoca Beatriz Souza foi incluída durante a realização dos Jogos Olímpicos de Paris a partir da sua conquista da medalha de ouro. A partir da biografia dela refletimos sobre os corpos fora dos padrões estéticos impostos pela mídia e a importância de reconhecer a variedade de biotipos existentes no esporte. Discutimos como cada modalidade exige características físicas específicas e como o desempenho atlético está relacionado à funcionalidade e não a um padrão corporal idealizado. Essa reflexão ajudou a desconstruir estereótipos e ampliar o olhar dos estudantes sobre o que é ser atleta.

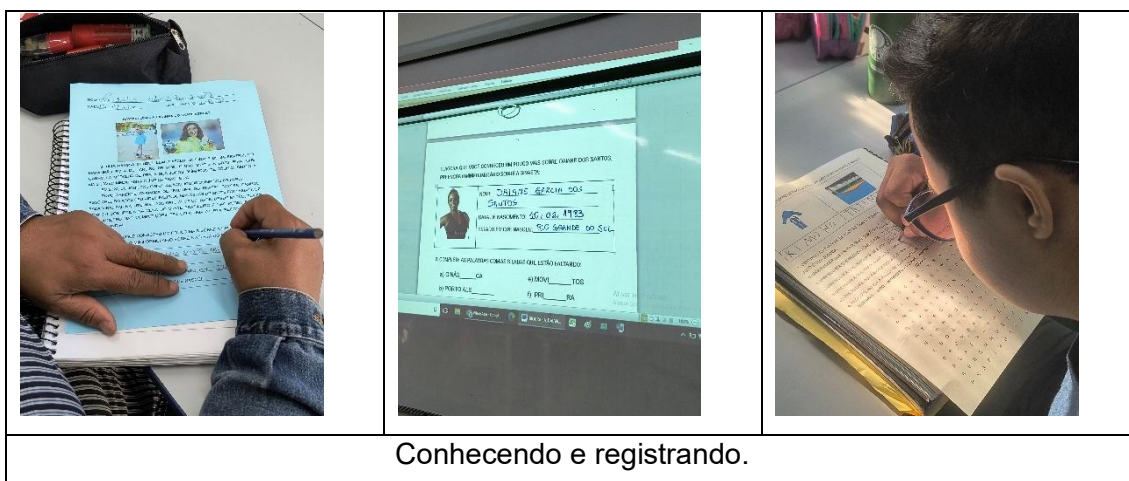
Assistimos ao vivo à conquista da medalha de ouro por Beatriz Souza nos Jogos Olímpicos de Paris. A emoção coletiva diante da vitória me fez pensar que o trabalho estava refletindo no reconhecimento, orgulho e a admiração pelas atletas brasileiras.

No estudo do skate, conhecemos a trajetória de Rayssa Leal, jovem atleta que se destacou internacionalmente ainda na adolescência. Assistimos ao vídeo em que ela ficou conhecida como a “Fadinha do Skate”, quando, ainda criança,

realizou uma manobra vestindo uma fantasia de fada, uma imagem que viralizou nas redes sociais.

Embora não tenhamos realizado a prática do skate propriamente dita, utilizamos pranchas, almofadas e discos de equilíbrio como forma de aproximação da sensação corporal com a modalidade.

O reconhecimento de que meninas tão jovens já estão se destacando nos esportes pode ser um reflexo das lutas históricas das mulheres por espaço e visibilidade. As conquistas de Rayssa são uma demonstração de que os caminhos abertos pelas gerações anteriores estão permitindo que as novas atletas avancem com mais força e liberdade nos espaços esportivos.



Como ampliação do trabalho realizado visitamos a COB Expo, organizada pelo Comitê Olímpico do Brasil. O evento é uma feira que reúne atletas, treinadores, expositores e o público em geral em torno de experiências interativas, palestras, oficinas e vivências esportivas, promovendo o espírito olímpico e o acesso à diversas modalidades olímpicas.

Durante a visita, os estudantes puderam conhecer de perto algumas das atletas que havíamos estudado, como Hortência, Duda Lisboa e Ana Patrícia, além de participar de diversas vivências práticas com modalidades olímpicas. Foi um momento de reconhecimento do percurso construído ao longo do projeto.

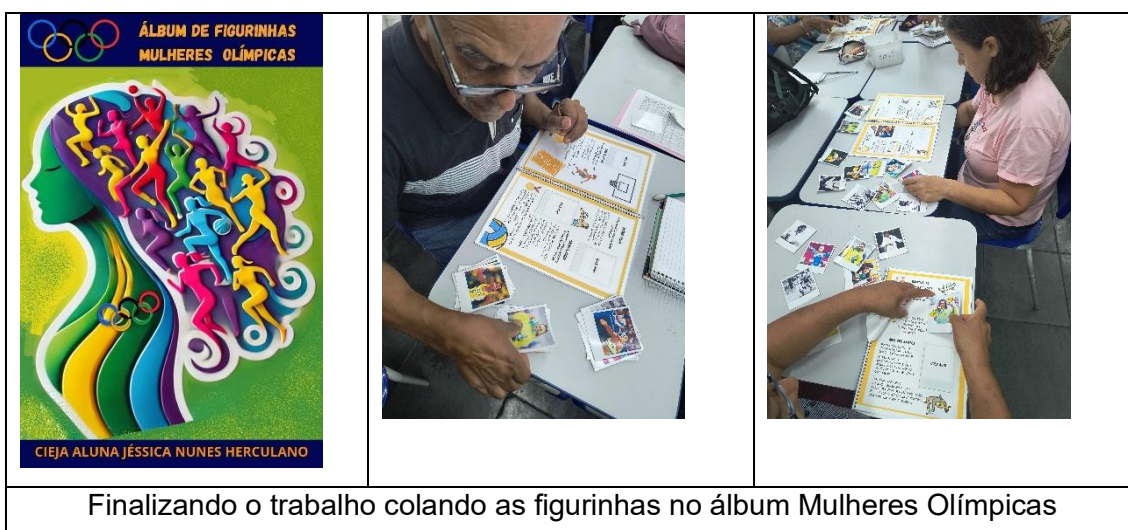
Entre as atividades realizadas, os estudantes puderam, por exemplo, medir a velocidade na corrida, conhecer os implementos da esgrima, experimentar um simulador de surfe, de canoagem e montar em um simulador de hipismo. Essas experiências ajudaram a ampliar o repertório corporal e

cultural dos estudantes, oferecendo contato direto com esportes pouco acessíveis no cotidiano escolar.



Os relatos de alguns estudantes demonstraram o impacto da experiência: uma estudante disse que foi o melhor passeio que já havia feito com a escola, pois pôde tirar fotos com atletas que admira. Outro se vangloriava de ter atingido a pontuação máxima na prática do tiro com arco, enquanto uma aluna comemorava a chance de experimentar a trave de equilíbrio da ginástica artística.

Para encerrar o trabalho, produzi um álbum de figurinhas personalizado, que reunia as mini biografias das atletas estudadas e espaços para colar figurinhas de cada uma delas.



Para conquistar as figurinhas, os estudantes participaram de um jogo da memória, associando imagens das atletas às suas modalidades, o que serviu como forma de revisão e valorização do que foi aprendido ao longo do ano.

Para muitas alunas, esse foi o primeiro álbum de figurinhas de suas vidas. Algumas relataram nunca ter tido um devido ao custo desses materiais, e a relação como um produto masculino, o que gerou reflexões importantes sobre o acesso desigual a certos bens culturais. Uma das estudantes contou, com orgulho, que estava completando o álbum para mostrar à filha, como forma de compartilhar o que aprendeu e inspirá-la.

Finalizamos o trabalho reconhecendo que mesmo em contextos com tantas limitações, é possível vivenciar o esporte de forma significativa, crítica e inclusiva. Ao longo do processo, buscamos adaptar as práticas corporais às realidades da escola e dos estudantes, promovendo experiências que unissem movimento, reflexão e pertencimento.

Durante o estudo das modalidades esportivas, os estudantes foram convidados a se reconhecer como sujeitos capazes de ocupar o espaço esportivo em suas múltiplas formas de ser e existir. Valorizamos a cooperação, o respeito às diferenças e a superação de barreiras físicas, simbólicas e sociais que muitas vezes afastam determinados corpos do universo esportivo.

A trajetória de diversas mulheres no esporte nos ajudou a fazer reflexões sobre desigualdade de gênero, racismo, capacitismo e padrões corporais. A conexão com essas histórias ampliou o repertório dos estudantes e fortaleceu a construção de novos referenciais.

O álbum de figurinhas representou uma síntese do percurso vivido, funcionando não apenas como um registro das atletas estudadas, mas como um recurso lúdico das aprendizagens. Ao colar cada figurinha, os estudantes revisitaram conteúdos, reforçaram conhecimentos e construíram conexões com as histórias trabalhadas ao longo do projeto. O álbum valorizou a trajetória de cada atleta e também a participação dos estudantes. Foi uma forma concreta de tornar o conhecimento afetivo e memorável.

Concluimos esse trabalho com a certeza de que a escola, neste percurso, reafirmou seu papel como espaço de transformação, acolhimento e construção de novas possibilidades para o corpo e o conhecimentoⁱ.

ⁱ Imagens das aulas disponíveis em https://youtu.be/mx6_bVR0mHo?si=3NmtJYRCz77dndp6